



Zoneamento Agrícola do Algodão Herbáceo no Nordeste Brasileiro: Safra 2005/2006 - Estado do Piauí

José Américo Bordini do Amaral¹
Madson Tavares Silva²

O zoneamento e a definição da época de plantio para a cultura do algodão herbáceo (*Gossypium hirsutum*), são realizados no intuito de identificar as regiões e períodos mais propícios ao desenvolvimento das cultivares, reduzindo os riscos de inviabilidade econômica e ecológica. O algodoeiro é uma planta de origem tropical, também explorada economicamente em países subtropicais, acima da latitude de 30°N. Um dos fatores ambientais que mais interferem no crescimento e no desenvolvimento é a temperatura, por afetar significativamente a fenologia, a expansão foliar, a alongação dos internós, a produção de biomassa e a partição de assimilados em diferentes partes da planta, sendo a ótima para produção entre 20° e 30° C (REDDY et al., 1991). Noites frias e temperaturas diurnas baixas resultam em crescimento vegetativo com poucos ramos frutíferos. A cultura necessita de precipitação pluviométrica anual entre 500 mm e 1500 mm, bem distribuída segundo Instituto de Desenvolvimento de Pernambuco (1987). Precipitações intensas podem causar o acamamento das plantas o que, durante a floração, provoca queda dos botões florais e das maçãs jovens, enquanto chuvas contínuas durante a

floração e a abertura das maçãs comprometem a polinização e reduz a qualidade da fibra. O algodão é plantado em uma ampla faixa de solos, porém os de textura média a pesada, profundos e com boas características de retenção de água, são os preferidos. A faixa ideal de pH é de 6,0 a 7,0 segundo Malavolta et al. (1974).

A identificação de regiões com condições edafoclimáticas que permitam a cultura externar o seu potencial genético em termos de produtividade torna-se necessário para o sucesso da agricultura. Através de estudos que relacionam a interação solo - planta - clima, é possível definir áreas que apresentam aptidão, viabilizando a exploração agrícola das plantas, ecologicamente e economicamente. A criação de um banco de dados, com uso de Geoprocessamento e Sistema de Informação Geográfica (SIG) e diagnóstico da região, assim como a confecção de mapas, armazenamento de dados existentes, formação de técnicos especializados e produção de manuais de aplicação dessa tecnologia, tudo isso aumentará significativamente a capacidade dos produtores na busca pelo aumento da produtividade e diminuição

¹Eng. Agrº. Dr., Pesquisador da Embrapa Algodão. E-mail: bordini@cnpa.embrapa.br

²Graduando Meteorologia, UFCG, estagiário da Embrapa Algodão, E-mail: madson@hotmail.com.br

das perdas. A precisão alcançada é fator que permite maior acerto nas previsões e a racionalização do emprego dos recursos necessários para o estabelecimento de uma agricultura rentável e com maiores chances de ser bem sucedida comercial e ecologicamente. Deste modo, com esse trabalho, pretende-se identificar por intermédio de simulações de balanço hídrico os riscos climáticos do cultivo do algodão herbáceo no Estado do Piauí.

Material e Métodos

O algodoeiro herbáceo, fonte de fibras curta e média requer, para produção máxima de acordo com Waddle (1984), Demol & Verschraege (1985) e Reddy et al. (1991) que no ciclo da cultura sejam observadas as seguintes condições climáticas:

- temperatura média do ar variando entre 20 °C e 30° C;
- precipitação anual variando entre 500 mm e 1500 mm;
- umidade relativa média do ar em torno de 60%;
- nebulosidade (cobertura de nuvens) inferior a 50%;
- inexistência de inversão térmica, isto é, dias muito quentes e noites muito frias; e
- inexistência de alta umidade relativa do ar associada a altas temperaturas.

A definição do risco climático e da época de plantio foi realizada por intermédio de um modelo de balanço hídrico da cultura, realizado em duas partes. Na primeira, objetivou-se a determinação do balanço hídrico, por intermédio da simulação da época de semeadura, utilizando-se o Sistema de Análise Regional dos Riscos Agroclimáticos, o software SARRAZON (BARON et al., 1996), em seguida, os resultados da simulação foram espacializados pela utilização do software SPRING versão 4.2 (CÂMARA et al., 1996).

Variáveis de entrada do modelo:

- **Precipitação pluvial diária** - Registrados durante 25 anos em estações pluviométricas disponíveis no Estado do Piauí. Os dados de precipitação utilizados

se originam do Banco de Dados Hidrometeorológico da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, publicados na série "Dados Pluviométricos Mensais do Nordeste - Piauí" - (SUDENE, 1990).

- **Solo** - Levantamentos Exploratórios – reconhecimento de solos dos Estados do Nordeste (BRASIL, 1972). Foram considerados três tipos de solo com diferentes capacidades de armazenamento de água:

- Tipo 1 - baixa capacidade de armazenamento de água (arenoso, teores de argila < 15%);
- Tipo 2 - média capacidade de armazenamento de água (textura média, 15% < teores de argila < 35%);
- Tipo 3 - alta capacidade de armazenamento de água (argiloso, teores de argila > 35%).

- **Evapotranspiração real (ET_r)** - O modelo estima a evapotranspiração real (ET_r) por uma equação de terceiro grau, proposta por Eagleman (1971), que descreve a evolução da ET_r, em função da evapotranspiração máxima - ET_m e da umidade do solo - HR, expressa como segue:

$$ET_r = A + B HR - C HR^2 + D HR^3 \quad (1)$$

em que,

A = 0,732 - 0,05 ET_m, B = 4,97 ET_m - 0,66 ET_m², C = 8,57 ET_m - 1,56 ET_m², D = 4,35 ET_m - 0,88 ET_m² e HR = umidade do solo

- **Evapotranspiração máxima (ET_m)** - Foi estimada pela equação (2), conforme Doorenbos & Kassam (1994):

$$ET_m = Etp \times kc \quad (2)$$

onde: ET_p - evapotranspiração potencial (mm dia⁻¹);
kc - coeficiente de cultura.

- **Coefficientes decendiais do cultivo (kc)** -

Corresponde à relação entre a evapotranspiração da cultura (ET_c) e a evapotranspiração de referência (ET_o); os kc's são determinados por médias decendiais para cada fase e gerados pela interpolação dos dados para o período semanal e

para as fases fenológicas definidas por Doorenbos & Kassam (1994), equação (3):

$$k_c = ET_c / ET_o \quad (3)$$

Utilizaram-se os seguintes valores de k_c referentes a cultura do algodoeiro herbáceo, Tabela 1.

Tabela 1. Coeficiente de cultura (k_c) para quatro fases do ciclo do algodoeiro herbáceo.

| Fases da Cultura | Duração (dias) | k_c |
|----------------------------------|----------------|-------|
| Germinação ao início da floração | 10 | 0,40 |
| Floração | 30 | 0,71 |
| Enchimentos dos caroços | 60 | 1,05 |
| Desenvolvimento e maturação | 40 | 0,85 |

- **Evapotranspiração potencial** - Foi estimada pela equação de Penman (1963) e calculada para cada dez dias do ano, gerando 36 dados de evapotranspiração, equação(4):

$$ET_p = \{ [s/(s + \gamma)] R_n + [\gamma/(s + \gamma)] E_a \} \quad (4)$$

sendo ET_p - evapotranspiração estimada (mm dia^{-1}), R_n - saldo de radiação convertido em (mm dia^{-1}) de evaporação equivalente, E_a - termo aerodinâmica (mm dia^{-1}), γ - constante psicométrica = $(0,66 \text{ mb}/^\circ\text{C})$ e s - tangente à curva de pressão de saturação de vapor d'água ($\text{mb}/^\circ\text{C}$).

- **Ciclo das cultivares** - Considerou-se uma cultivar de ciclo médio (140 dias) em que o período crítico (floração-enchimento dos caroços) é de 60 dias (entre os 41° e 100° dia).

- **Profundidade Radicular** - Para a cultura do algodoeiro herbáceo em regime de sequeiro, a profundidade radicular efetiva, ou seja, a profundidade máxima na qual o sistema radicular ainda possui considerável capacidade de absorção, que está nos primeiros 40 cm de profundidade, foi adotada para efeito de cálculo.

- **Capacidade de Água Disponível (CAD)** - Determinou-se a CAD, segundo Reichardt (1990), a partir da curva de retenção de água, densidade do

solo e profundidade do perfil, pela equação (5):

$$CAD = [(CC - PMP) / (10 \times D_s \times h)] \quad (5)$$

em que: CAD - Capacidade de água disponível no solo (mm m^{-1}); CC - Capacidade de campo (%); PMP - Ponto de murchamento permanente (%); D_s - Densidade do solo (g cm^{-3}) e h - Profundidade da camada do solo (cm). Foram estabelecidas três classes de CAD:

- Tipo 1 - baixa capacidade de armazenamento de água (CAD = 25 mm);
- Tipo 2 - média capacidade de armazenamento de água (CAD = 40 mm);
- Tipo 3 - alta capacidade de armazenamento de água (CAD = 50 mm).

- **Datas de Simulação** - Para a simulação, foram estipuladas datas 30 dias antes do plantio e 30 dias após a colheita, para os intervalos de plantio de 10 dias, proporcionando ao modelo de simulação maior confiabilidade. Deu-se preferência à simulação nessas datas por se tratar do período indicado para a semeadura do algodoeiro herbáceo de sequeiro no Estado do Piauí; os balanços hídricos foram determinados no período compreendido entre 1 de novembro e 30 de abril, considerando-se o primeiro, segundo e terceiro decêndios de cada mês.

Variáveis de saída do modelo:

- **Índice de Satisfação da Necessidade de Água para a cultura (ISNA)** - Definido como a relação entre a evapotranspiração real e a evapotranspiração máxima (ET_r/ET_m) ao longo do ciclo, para um determinado ano, numa certa data, num tipo de solo, para a algodoeiro herbáceo de ciclo médio. Como o ciclo da cultura está dividido em quatro fases fenológicas e a fase de enchimento das bagas é o período mais determinante da produtividade final, estima-se o valor de ISNA nesta fase. Em seguida, passa-se então para o ano dois, data um, solo um, ciclo médio, e assim, sucessivamente, até o último ano. A partir deste cálculo, estabelece-se a função

de frequência do ISNA e seleciona-se a data onde o valor calculado é maior ou igual ao critério de risco adotado ($ISNA > 0,55$), em 80 % dos casos. Os ISNA's foram espacializados pela utilização do software SPRING, versão 4.2 (CÂMARA et al., 1996). Para a caracterização do risco climático obtido ao longo dos períodos de simulações foram estabelecidas três classes de ISNA, conforme Steinmetz et al. (1985):

- $ISNA \geq 0,55$ - a cultura do algodão herbáceo de sequeiro está exposta a um baixo risco climático;
- $0,45 \leq ISNA < 0,55$ - a cultura do algodão herbáceo de sequeiro está exposta a um risco climático médio;
- $ISNA < 0,45$ - a cultura do algodão herbáceo de sequeiro está exposta a um alto risco climático.

Para a espacialização dos resultados, foram adotados os seguintes procedimentos: digitação de arquivo de pontos (em formato ASCII) organizados em três colunas, com latitude, longitude e valores de relação ISNA, com 80% de frequência de ocorrência; transformação das coordenadas geográficas em coordenadas de projeção cartográfica utilizadas (no caso, projeção policônica); leitura do arquivo de pontos; organização das amostras; e geração de uma grade regular (grade retangular, regularmente espaçada de pontos, em que o valor da cota de cada ponto é estimado a partir da interpolação de um número de vizinhos mais próximos). Por se tratar de uma análise bidimensional, na qual as variações de ISNA foram espacializadas em função do tempo, desconsiderando-se os efeitos orográficos, o interpolador escolhido foi aquele que mais se aproximou de um resultado linear.

Resultados e Discussão

Zoneamento de aptidão agroclimática

Dos 221 municípios do Estado, 151 municípios foram considerados aptos ao cultivo do algodoeiro herbáceo e 70 municípios foram classificados como

inaptos, correspondendo a 68,32% e 31,67% dos municípios do Estado, respectivamente.

Para definição do período de semeadura, usou-se o critério do limite de corte de 20%, quando ocorriam duas ou mais classes em um mesmo município. Os Solos Tipo 1, de textura arenosa, não foram recomendados para o plantio do algodão herbáceo no Estado, por apresentarem baixa capacidade de retenção de água e alta probabilidade de quebra de rendimento das lavouras por ocorrência de déficit hídrico. A época de plantio indicada para cada município (Tabela 2), não será prorrogada ou antecipada. No caso de ocorrer algum evento atípico que impeça o plantio nas épocas indicadas, recomenda-se aos produtores não efetivarem a implantação da lavoura nesta safra.

Tabela 2. Períodos de Semeadura.

| Mês : Novembro | | Mês : Dezembro | |
|----------------|---------|-----------------|---------|
| Dias | Período | Dias | Período |
| 1 a 10 | 31 | 1 a 10 | 34 |
| 11 a 20 | 32 | 11 a 20 | 35 |
| 21 a 30 | 33 | 21 a 31 | 36 |
| Mês : Janeiro | | Mês : Fevereiro | |
| Dias | Período | Dias | Período |
| 1 a 10 | 1 | 1 a 10 | 4 |
| 11 a 20 | 2 | 11 a 20 | 5 |
| 21 a 31 | 3 | 21 a 28 | 6 |
| Mês : Março | | Mês : Abril | |
| Dias | Período | Dias | Período |
| 1 a 10 | 7 | 1 a 10 | 10 |
| 11 a 20 | 8 | 11 a 20 | 11 |
| 21 a 31 | 9 | 21 a 30 | 12 |
| Mês : Maio | | Mês : Junho | |
| Dias | Período | Dias | Período |
| 1 a 10 | 13 | 1 a 10 | 16 |
| 11 a 20 | 14 | 11 a 20 | 17 |
| 21 a 31 | 15 | 21 a 30 | 18 |

Na Tabela 3 estão listados os municípios do Estado do Piauí aptos ao cultivo da fibrosa, suprimidos todos os outros, onde a cultura não é recomendada, foi calculada em dados disponíveis por ocasião da sua elaboração. Se algum município mudou de nome ou foi criado um novo, em razão de emancipação de um daqueles da listagem abaixo, todas as recomendações são idênticas às do município de origem até que nova relação o inclua formalmente.

Tabela 3. Municípios e períodos favoráveis ao plantio do algodoeiro herbáceo no Estado do Piauí, em função dos tipos de solo predominantes nas regiões.

| Município | Ciclo | Médio | |
|-------------------------|-------|---------------|----------|
| | Solo | Textura Média | Argiloso |
| Períodos | | | |
| Agricolândia | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Água Branca | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Alto Longá | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Altos | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Alvorada do Gurguéia | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Amarante | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Angical do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Antônio Almeida | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Arozazes | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Arraial | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Assunção do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Avelino Lopes | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Baixa Grande do Ribeiro | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Barra D'Alcântara | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Barras | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Barreiras do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Barro Duro | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Batalha | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Beneditinos | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Bertolândia | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Boa Hora | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Bom Jesus | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Boqueirão do Piauí | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Brasileira | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Buriti dos Lopes | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Buriti dos Montes | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Cabeceiras do Piauí | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Cajazeiras do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Campo Largo do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Campo Maior | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Canavieira | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Canto do Buriti | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Capitão de Campos | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Caraúbas do Piauí | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Castelo do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Caxingó | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Cocal | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Cocal de Telha | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Cocal dos Alves | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Coivaras | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Colônia do Gurguéia | | 35 a 2 | 35 a 3 |

Continua...

Tabela 3. Continuação...

| Município | Ciclo | Médio | |
|------------------------|-------|---------------|----------|
| | Solo | Textura Média | Argiloso |
| Períodos | | | |
| Colônia do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Corrente | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Cristalândia do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Cristino Castro | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Curimatá | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Currais | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Curralinhos | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Demerval Lobão | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Dom Expedito Lopes | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Domingos Mourão | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Elesbão Veloso | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Eliseu Martins | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Esperantina | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Flores do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Floriano | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Francinópolis | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Francisco Ayres | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Gilbués | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Guadalupe | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Hugo Napoleão | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Inhuma | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Ipiranga do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Itaueira | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Jardim do Mulato | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Jatobá do Piauí | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Jerumenha | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Joaquim Pires | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Joca Marques | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| José de Freitas | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Juazeiro do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Júlio Borges | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Lagoa Alegre | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Lagoa de São Francisco | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Lagoa do Piauí | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Lagoa do Sítio | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Lagoinha do Piauí | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Landri Sales | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Luzilândia | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Madeiro | | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Manoel Emídio | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Marcos Parente | | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Matias Olímpio | | 36 a 3 | 36 a 4 |

Continua...

Tabela 3. Continuação...

| Município | Ciclo | Médio |
|----------------------------|--------|------------------------|
| | Solo | Textura Média Argiloso |
| Períodos | | |
| Miguel Alves | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Miguel Leão | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Milton Brandão | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Monsenhor Gil | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Monte Alegre do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Morro Cabeça no Tempo | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Morro do Chapéu do Piauí | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Murici dos Portelas | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Nazaré do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Nossa Senhora de Nazaré | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Nossa Senhora dos Remédios | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Novo Oriente do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Novo Santo Antônio | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Oeiras | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Olho D'Água do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Pajeú do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Palmeira do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Palmeirais | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Parnaguá | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Passagem Franca do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Pau D'Arco do Piauí | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Pavussu | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Pedro II | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Pimenteiras | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Piracuruca | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Piripiri | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Porto | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Porto Alegre do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Prata do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Redenção do Gurguéia | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Regeneração | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Riacho Frio | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Ribeiro Gonçalves | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Rio Grande do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santa Cruz dos Milagres | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santa Filomena | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santa Luz | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santa Rosa do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santana do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santo Antônio dos Milagres | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Santo Inácio do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Félix do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Francisco do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |

Continua...

Tabela 3. Continuação...

| Município | Ciclo | Médio |
|----------------------------|--------|------------------------|
| | Solo | Textura Média Argiloso |
| Períodos | | |
| São Gonçalo do Gurguéia | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Gonçalo do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São João do Canabrava | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São João da Fronteira | 36 a 3 | 36 a 4 |
| São João da Serra | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São João da Varjota | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São João do Arraial | 36 a 3 | 36 a 4 |
| São José do Divino | 36 a 3 | 36 a 4 |
| São José do Peixe | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São José do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Luis do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Miguel da Baixa Grande | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Miguel do Fidalgo | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Miguel do Tapuio | 35 a 2 | 35 a 3 |
| São Pedro do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Sebastião Barros | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Sebastião Leal | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Sigefredo Pacheco | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Tanque do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Teresina | 36 a 3 | 36 a 4 |
| União | 36 a 3 | 36 a 4 |
| Uruçuí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Valença do Piauí | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Várzea Grande | 35 a 2 | 35 a 3 |
| Wall Ferraz | 35 a 2 | 35 a 3 |

Conclusões

- 1) O cultivo algodoeiro herbáceo no Estado do Piauí apresentou risco climático diferenciado em função da época de plantio e do tipo de solo;
- 2) Para os dois tipos de solos, os períodos favoráveis ao plantio estão compreendidos entre 11 de dezembro a 10 de fevereiro, justificado pelo critério de duração do período chuvoso do estado e pelo ciclo médio das cultivares;
- 3) Identificou-se 151 municípios no Estado do Piauí que satisfazem todas as necessidades edafoclimáticas e fenológicas da cultura do algodoeiro herbáceo, em função da variabilidade espaço temporal da chuva na região do semi-árido nordestino, sugeriu-se o acompanhamento das

informações disponibilizadas por boletins de previsão climática, adequando e garantindo o plantio e a colheita sem interrupção do fornecimento das condições necessárias para o desenvolvimento da cultura.

Referências Bibliográficas

BARON, C. ; PEREZ, P. ; MARAUX, F. **Sarrazon** – Bilan hidrique applique au zonage. Paris, França.CIRAD, 1996. 26p.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Equipe de Pedologia e Fertilidade do Solo (Rio de Janeiro, RJ). **Levantamento exploratório**: reconhecimento de solos do Estado do Piauí. Rio de Janeiro, 1972. v. 1-2.

CÂMARA, G.; SOUZA, R.C.M.; FREITAS, U.M.; GARRIDO, J. SPRING: Integrating remote sensing and GIS by object-oriented data modeling. **Computers and Graphics**, v. 20, n. 3, p. 395-403, 1996.

DEMOL, J.; VERSCHRAEGE, L. **Contribution to the study of the influence of various climatic factors on production and fiber quality in Gossypium hirsutum L. I. Relative air humidity**. Cotton Fibres Tropicales, v. 40, n. 4, p. 203-218, 1985.

DOORENBOS, J.; KASSAM, A. H. **Efeito da água no rendimento das culturas Estudos de FAO: Irrigação e Drenagem**, 33, Campina Grande: UFPB, 306p, 1994.

EAGLEMAN, A.M. An experimentaly derived model for actual evapotranspiration. **Agricultural Meteorology**, Amsterdam, v.8, n.4/5, p.385-409, 1971.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DE PERNAMBUCO. **Zoneamento pedoclimático do Estado de Pernambuco: relatório de dados básicos**. Recife: IPA/SUDENE, 1987.183p. v1.

MALAVOLTA, E.; HAAG, H. P.; MELLO, F. A. F.; BRASIL SOBRINHO, M. O. C. **Nutrição mineral e adubação de plantas cultivadas**. São Paulo, Pioneira, 1974. 752p.

PENMAN, H. L. Vegetation and hydrology. Harpenden: **Commonwealth Bureau of Seils**. n.53,1963,125p. Technical Communication.

REDDY, V. R.; REDDY, K. R.; BAKER, D. N. Temperature effect on growth and development of cotton during the fruiting period. **Agronomy Journal**, v. 83, p. 211-217, 1991.

REICHARDT, K. O solo como reservatório de água. In: REICHARDT, K. **A água em sistemas agrícola**, 1987. 27- 69 p.

STEINMETZ, S. R. F. N., FOREST, F. Evaluation of the climatic risk on upland rice in Brazil, *In*: STEINMETZ, S. R. F. N., FOREST, F. **Colloque "resistence a la secheresse en milieu intertropicale:quelles recherches pour le moyen terme?"** Paris:CIRAD, 1985. 43-54 p.

SUDENE.(Recife,PE).**Dados pluviométricos mensais do Nordeste**: Piauí. Recife, 1990. 236p.

WADDLE, B. A. Crop growing practices. In: KOHEL, R. J.; LEWIS, C. F. **Cotton**. Madison, Wisconsin: American Society of Agronomy, 1984. p. 233-263.

Comunicado Técnico, 261

Exemplares desta edição podem ser adquiridos na:
Embrapa Algodão
Rua Osvaldo Cruz, 1143 Centenário, CP 174
58107-720 Campina Grande, PB
Fone: (83) 3315 4300 Fax: (83) 3315 4367
e-mail: sac@cnpa.embrapa.br
1ª Edição
Tiragem: 500



Comitê de Publicações

Presidente: Luiz Paulo de Carvalho
Secretária Executiva: Nivia M.S. Gomes
Membros: Cristina Schetino Bastos
Fábio Akiyoshi Suinaga
Francisco das Chagas Vidal Neto
Gilvan Barbosa Ferreira
José Américo Bordini do Amaral
José Wellington dos Santos
Nair Helena Arriel de Castro
Nelson Dias Suassuna

Expedientes: Supervisor Editorial: Nivia M.S. Gomes
Revisão de Texto: Nisia Luciano Leão
Tratamento das ilustrações: Geraldo F. de S. Filho
Editoração Eletrônica: Geraldo F. de S. Filho